

**OLHA A COCADA!, DE ELOÍ BOCHECO: ENLACES
SOBRE JOVENS LEITORES E LEITURA LITERÁRIA A
PARTIR DOS ESTUDOS DE MICHÈLE PETIT**

**OLHA A COCADA! BY ELOÍ BOCHECO: LINKS ABOUT
YOUNG READERS AND LITERARY READING BASED ON
THE STUDIES OF MICHÈLE PETIT**

**OLHA A COCADA!, DE ELOÍ BOCHECO:
ENCADENAMIENTOS SOBRE JÓVENES LECTORES Y
LECTURA LITERARIA DESDE LAS INVESTIGACIONES
DE MICHÈLE PETIT**

Fabiano Tadeu Grazioli¹

Rosemar Eurico Coenga²

RESUMO: No desenrolar dos capítulos da obra infantojuvenil *Olha a cocada!*, de Eloí Bocheco, encontramos espaços para pensar a leitura a partir dos estudos da antropóloga francesa Michèle Petit, feito que realizamos neste trabalho e que nos leva a concluir que a autora catarinense constrói uma

1 Mestre em Estudos Literários pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Professor do Departamento de Linguística Letras e Artes da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Erechim.

2 Doutor em Teoria Literária e Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor do Centro Universitário Cândido Rondon, (UNIRONDON) e do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG).

obra que se destaca pelo modo diferenciado com que lida com os temas relacionados à leitura e à formação de jovens leitores. Tal modo revela aspectos importantes evidenciados nos estudos de Michèle Petit, principalmente no modo como os personagens, jovens leitores, reconstróem a si mesmos através do encontro com a leitura, como ampliam seus círculos de pertencimento e, principalmente, na concepção de personagens capazes de resistir à miséria e às adversidades sociais, tendo como ferramenta a leitura literária.

ABSTRACT: As the chapters of the book: *Olha a cocada!* written by Eloí Bocheco unfold, we base our reading on the studies of the French anthropologist Michèle Petit. Thus, it is possible to conclude that Bocheco contrasts from other authors because she has her own way to deal with topics related to reading and young readers' formation. Furthermore, it reveals important aspects which were evidenced on the studies of Michèle Petit, especially on how the characters (young readers) rebuild themselves through the reading, as well as on how they expand their belonging circles. The book also enable us to understand how the characters are able to endure the misery and social adversity because of the use of the Literary reading as a tool.

RESUMEN: En el desarrollo de los capítulos de la obra infantojuvenil *Olha a cocada!*, de Eloí Bocheco, encontramos espacios para pensar la lectura desde investigaciones de la antropóloga francesa Michèle Petit – hazaña que hacemos en esta tarea y que nos lleva a la ilación de que la autora construye una obra que sobresale por la forma diferenciada con que trabaja la temática en conexión con la lectura y la formación de jóvenes lectores. Tal sistemática pone en relieve importantes aspectos que han sido objeto de estudio de Michèle Petit, especialmente en la manera por la cual los personajes – jóvenes lectores – se reconstruyen a través del encuentro con la lectura, la forma por la que extiende sus círculos de pertenecimientos y, en la concepción de personajes capaces de resistir a la miseria y las adversidades sociales, siendo la lectura literaria gran su herramienta.

PALAVRAS-CHAVE: Eloí Bocheco; Michèle Petit; adversidade; leitura.

KEYWORDS: Eloí Bocheco; Michèle Petit; adversity; reading.

PALABRAS CLAVE: Eloí Bocheco; Michèle Petit; adversidad; lectura.

*Para Eloí Bocheco e para as crianças da comunidade Chico Mendes,
que estudaram na Escola América Dutra Machado,
em Florianópolis, na década de 1990.*

Introdução: algumas palavras sobre a obra e a proposta de estudo

É significativo quando o jovem leitor consegue, no mesmo livro, viver experiências distintas, tais como entrar em contato com temas considerados polêmicos na literatura infantojuvenil³ e ter contato com personagens que vivem experiências em torno da leitura literária. É o que acontece com *Olha a cocada!*, de Eloí Bocheco, obra infantojuvenil publicada pela Editora Movimento, em 2011, com ilustrações em nanquim e carvão sobre papel de Walther Moreira Santos, que faz parte da Coleção Monteiro Lobato, composta de quinze livros.

A obra é narrada pelo protagonista, o adolescente Luís, que, num clima de cumplicidade, conversa diretamente com o leitor desde as primeiras linhas da história. São sete capítulos cujos títulos contêm o tema chave que será desenvolvido ou um estímulo para chegar até ele (Consegui uma vaga! Por onde começar? Quando o fim do mundo começa... Tio Pedro, Histórias pro Breno, Olha a cocada! e Lúti). *Olha a cocada!* é o título do sexto capítulo e representa de forma inventiva parte importante da vida do personagem narrador e seu irmão, conforme veremos.

Luís nasceu em Barra Bonita, interior de Santa Catarina e com dois anos foi morar em Florianópolis, na comunidade do Morro da Neblina. A família

3 Tais como a violência, a morte, o alcoolismo e o trabalho infantil. Sobre Temas polêmicos na literatura consultar: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/171215Temaspolemicos.pdf>

viveu no interior até metade da vida, quando seus avós morreram, então seus familiares venderam a terra e foram morar na cidade. Os moradores do Morro da Neblina convivem com o tráfico de drogas e seus efeitos. “A vida aqui não dura e tomba à toa. Parece que nem vale nada” (BOCHECO, 2011, p. 11), afirma o narrador, que desde cedo já se acostumou e aprendeu a viver com os tiroteios, batizados pela sua mãe de “fim do mundo”. Além do tráfico, a família de Luís enfrenta dificuldades financeiras, como todas as famílias do lugar, de acordo com o que nos leva a entender a autora em vários momentos da história. A mãe de Luís trabalha na casa de uma senhora, Dona Matilde, e ainda faz outras faxinas. Mas como o dinheiro não chega para pagar as contas, Luís precisa vender cocadas na rua no turno inverso ao da escola, e é acompanhado pelo seu irmão mais novo, Breno.

As experiências de Luís em sua curta vida (ele é um adolescente!) revelam uma constante convivência com a dificuldade financeira, com o trabalho infantil e com a privação da brincadeira. Mas há outra parte de suas experiências que revela um envolvimento muito maior com as perdas, privações e separações. O pai, alcoólatra, está preso. As lembranças que tem dos períodos em que o pai esteve com a família revelam mais momentos de constrangimento, desconsolo e violência do que carinho e afeto. Além da ausência do pai, Luís convive com a falta de outra figura masculina importante: o tio Pedro, motorista de caminhão, que morava com a família: ele apresentou ao protagonista as histórias e, quando estava pronto para viajar para o Maranhão, morreu.

A professora Letícia é personagem importante na história, suas aulas “mudam bastante de jeito”, e sua metodologia para trabalhar a leitura junto aos alunos do Morro da Neblina, embora simples, é bastante apropriada. Embora o primeiro capítulo seja dedicado a apresentar Letícia, suas aulas e o amor do protagonista ao estudo e à professora, ela aparece em quase todos os outros capítulos, pois Luís lembra seguidamente das atividades da escola, dos ensinamentos e comentários de Letícia. Outra personagem importante é a menina Lúti, colega de classe de Luís. Seu pai foi morto pelos bandidos. Ela cria os irmãos para a mãe fazer faxina durante o dia e algumas noites também. Os dois, Luís e Lúti são muito apegados, muito parecidos.

“A minha mãe, de vez em quando, diz: Luís, você e a Lúti parecem irmãos ou primos. E é mesmo: a gente combina em tudo” (BOCHECO, 2011, p. 31).

A obra não apresenta uma estrutura narrativa convencional, com um enredo que evolui da situação inicial para os demais estágios previstos. Em cada capítulo temos acontecimentos da vida de Luís, que são por ele narrados. No último parágrafo somos surpreendidos com a informação de que se trata do livro da vida do menino, e que a obra que estamos terminando de ler é a realização de um trabalho que a professora Letícia pediu à sua turma, atividade que vez por outra aparece nas escolas brasileiras. Assim, compreende-se o formato da obra e nota-se a inventividade de Eloí Bocheco em trabalhar com ele. *Olha a cocada!*, que acabamos de ler, é, na verdade, o livro da vida de Luís.

Ao narrar os principais fatos de sua vida, Luís deixa transparecer a sua relação e dos outros personagens com os livros literários e, portanto, com a leitura. A autora, ao longo dos capítulos, distribui elementos (ideias, nuances, detalhes, acontecimentos) que nos fazem pensar em trajetórias singulares de leitura em meio a contextos de vida adversos. Tais elementos não foram nesta síntese citados, pois serão recuperados ao longo do trabalho e relacionados com os estudos da antropóloga francesa Michèle Petit, autora escolhida para estear nosso pensamento e aferir nossa ideia de que Eloí Bocheco constrói uma literatura que, além de conquistar leitores pelo seu já conhecido e premiado manejo com os elementos da literatura infantojuvenil, se destaca pelo modo com que lida com os temas relacionados à leitura literária e à formação de leitores na composição de suas obras, temas amplamente investigados pela pesquisadora francesa.

A leitura literária como encontro e construção, a amplitude da experiência da leitura, a ampliação de círculos de pertencimento, a presença e mediação nas práticas de leitura literária e a leitura e adversidade são temas que se encontram latentes na obra de Eloí Bocheco. Servimo-nos desses temas para organizar o presente trabalho e os fundamentamos nos estudos de Michèle Petit publicados em *Os jovens e a leitura: novas perspectivas*, (2008) e *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, (2009).

O jovem e a leitura: encontro e construção

O protagonista da obra em questão, autor do livro de sua vida, conforme tratamos anteriormente, encontrou a leitura dentro de casa, desde cedo, e se-

que sua trajetória de leitor escola adentro, nas aulas da professora Letícia. Lúti, sua amiga, a quem também queremos nos referir quando a questão é tornar claras as trajetórias de leitura dos personagens, parece que não teve a mesma iniciação que Luís. Suas histórias permitem recuperar estas palavras de Michèle Petit:

É sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem, e suas trajetórias podem mudar de rumo depois de algum encontro. Esses encontros, essas interações, às vezes são proporcionados por uma biblioteca, quer seja um encontro com um bibliotecário, com outros usuários ou com um escritor que esteja de passagem. Podem ser também, encontros com os objetos que ali se encontram. Com algo que se aprende. Ou com a voz de um poeta, com o espanto de um erudito ou de um viajante, com o gesto de um pintor, que podem ser redescobertos e compartilhados de uma maneira muito ampla, mas que nos toca de forma individual (PETIT, 2008, p. 53).

Os jovens que citamos anteriormente se tornaram leitores tendo em vista alguns encontros ao longo de suas vidas. Luís teve a felicidade de conviver com um tio que investia em coleções de livros e histórias bíblicas e não as lia à luz de doutrinas religiosas, mas sim as lia ou contava pelo gosto de oferecer histórias para os sobrinhos: “A história de Jonas e a baleia eu nunca cansava de ouvir. Ficava só esperando a hora da baleia vomitar o Jonas inteirinho na praia. O Breno só queria ouvir a história de José que foi vendido para o Egito” (BOCHECO, 2011, p. 17). Os encontros de Luís e Lúti com os livros na escola também são importantes, pois revelam a metodologia eficiente da professora, conforme destacaremos mais adiante, e principalmente um encontro coletivo com os livros e a leitura literária. Todas essas ações, embora interações, pois só acontecem com a presença do outro, têm sua importância maior porque, no final ou durante o processo, tocam o leitor de maneira individualizada. É quando o jovem percebe, segundo Michèle Petit, que os livros fazem parte de outro domínio:

(...) há um domínio no qual, para eles [os jovens], o livro supera o audiovisual: o domínio que se abre para o sonho e que permite construir-se a si mesmo. A leitura pode até mesmo tornar-se vital quando sentem que alguma coisa os singulariza; uma dificuldade afetiva, a solidão, a hipersensibilidade – todas essas situações que são partilhadas por muita gente, mas são tantas vezes negadas. Os livros se oferecem a eles e mais ainda a elas, quando tudo parece estar fechado: suas feridas e suas esperanças secretas, outros souberam dizê-las, com palavras que os libertaram, que revelam algo que eles ou elas não sabiam que eram (PETIT, 2008, p. 56).

Luís e Lúti, ainda não dissemos, têm uma vida de leitores ativos na escola e fora dela. Nas suas preferências de leitura, chegam a citar *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga. Na vida que vivem, foi necessário descobrir cedo o que nos afirmou anteriormente Michèle Petit. Os personagens de Bocheco, dadas as suas condições, se abrem para o sonho e permitem construir-se a si mesmos através das leituras. A leitura para eles torna-se importante porque percebem que algo os singulariza. No mundo em que vivem, como afirmou a pesquisadora, os livros se oferecem a eles quando tudo parece estar fechado. E isso é de grande importância, pois na leitura “o que está em jogo é a própria identidade daqueles que se aproximam dos livros, da sua maneira de se representar a si mesmos, de tomar as rédeas de seu destino” (PETIT, 2008, p. 59).

Em *Olha a cocada!*, a visão que Luís e Lúti têm de si, nota-se facilmente, já foi influenciada pela trajetória de leitura que eles cumpriram até o momento. A construção de suas identidades carrega muito das experiências de leitura que partilharam dentro e fora da escola, pois são conscientes de quem são, das situações que enfrentam, dos espaços que ocupam, como podemos perceber nesta fala de Lúti:

- Assim: sei bem quem sou, sei também quem não sou. Então quando me chamam de “carvão”, “macaca”, “tempestade”, “escuridão”, não desmorono, entende. Sei o meu valor, ergo a cabeça e sigo firme na maior atitude. Se a gen-

te tá íntimo da gente mesmo fica mais firme por dentro e, com firmeza, e mais fácil de golpear a caretece e a azaração de gente preconceituosa (BOCHECO, 2011, p. 37).

A menina tem firmeza da identidade que forjou de si mesma. No contexto em que vive, ainda não encontrou outras formas de driblar o preconceito, mas já construiu dentro de si, uma fortaleza que a protege das investidas dos preconceituosos e consegue falar, nomear/verbalizar aquilo que sente (como se sente, como reage), o que, para Michèle Petit, é fundamental, pois “quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo” (PETIT, 2008, p. 71). O oposto também é referido pela autora:

Quando se é privado de palavras para pensar sobre si mesmo, para expressar sua angústia, sua raiva, suas esperanças, só resta o corpo para falar: seja o corpo que grita todos os seus sintomas, seja o enfrentamento violento de um corpo com outro, a passagem para o ato (PETIT, 2008, p. 71).

Não temos adolescentes ou jovens que possam representar esta categoria evocada pela autora na obra em questão, mas temos um personagem adulto que faz uso da agressividade incontrolada, cujo corpo fala: sua violência é lembrada por Luís no capítulo *Por onde começar?*:

A gente só chama o meu pai de Ele, por causa da minha mãe que só chama ele de Ele. Ele já chegou? Ele já foi dormir? Ele tá quebrando tudo dentro de casa. Ele tá com uma arma na mão. Acudam, ele está esganando a vizinha porque ela disse que ele é um traste. Ele despejou farinha na casa inteira. Cuidado: Ele vem vindo. Ele tá brigando num bar e deu uma facada num homem. A polícia levou ele (BOCHECO, 2011, p. 7).

Não sabemos, de fato, se o pai de Luís é privado de palavras para pensar sobre si mesmo e expressar seus sentimentos, mas verificamos que suas atitudes são as de quem não tem essas faculdades. Contudo, as trouxemos

à tona também para contrapô-las à história de seu filho e afirmar que, segundo verificamos na obra, Luís já tem maturidade suficiente para entender seu pai e não o rejeita pelas suas características e pela sua história. E essa maturidade, essa flexibilidade, é resultado de suas experiências com a leitura literária, conforme discutiremos nas próximas seções.

Experimentar a amplitude da experiência da leitura

Obviamente, pessoas muito pobres, como os personagens da obra que estamos focalizando neste trabalho, podem experimentar a plenitude da leitura. Michèle Petit ocupou-se deste tema: “Existem pessoas dos setores mais pobres da população que tiveram a oportunidade de ter acesso aos livros e experimentaram – em alguns casos, por meio de um único texto – toda a amplitude da experiência da leitura” (PETIT, 2008, p. 42).

Luís e Lúti, bem como provavelmente muitos de seus colegas de classe, já viveram a amplitude da experiência literária, mesmo em sua curta vida. Além de *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, podemos imaginar que muitos outros livros, que não são citados por Bochecho e que ficam por conta do leitor selecionar, já levaram Luís e Lúti a este estágio de fruição, pois como afirma a pesquisadora: “Na adolescência ou na juventude – e durante toda a vida – os livros também são companheiros e às vezes neles encontramos palavras que nos permitem expressar o que temos de mais secreto, de mais íntimo” (PETIT, 2008, p. 74).

Ainda sobre a experiência da leitura, Michèle Petit, afirma: “[...] mesmo que a leitura não faça de nós escritores, ela pode, por mecanismo parecido, nos tornar mais aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, a ser mais autores de nossas vidas” (PETIT, 2008, p. 36).

Essas palavras da pesquisadora encontram ressonância na obra em questão, principalmente se as relacionarmos à produção escrita dos personagens. Luís é o autor/narrador dos capítulos, totalmente apto a enunciar suas próprias palavras, seu próprio texto. No caso de Luís, a leitura o fez escritor, no jogo literário que Bochecho propõe, como já explicitado, é ele que constrói

a obra a ser lida, capítulo a capítulo, página a página. Criar o livro da vida é realizar o exercício de ser autor de sua vida. O personagem, portanto, exemplifica literalmente o que afirma Michèle Petit.

O livro da vida de Lúti também aparece na obra. No último capítulo, intitulado *Lúti*, o narrador dá abertura a um diálogo com ela, em que ficamos sabendo como a menina estava se preparando para a atividade solicitada pela professora Letícia:

- Já estou guardando bem guardadas as vontades da minha vida.
- Já? Onde você está guardando?
- Naquele livro de nossa vida que estamos escrevendo nas aulas da Letícia.
- É mesmo! Lá dá pra colocar todas as nossas vontades. Posso ler o que você escreveu?
- Deixa eu contar mais, daí você lê.
- Queria ler já...
- Já não pode, eu tenho que terminar de inventar.
- Inventar? Mas não é um livro da tua vida?
- É sobre a minha vida, mas não sobre esta vida que eu tenho hoje: é sobre a minha “outra vida”.
- Que “outra vida”?
- A outra que eu tô inventando. Uma vida como eu gostaria que fosse, entende?
- Entendo, mas uma vida inventada não é de verdade...
- O que é inventado na imaginação pode virar de verdade, não pode?
- Pode. E como é essa outra vida que você tá inventando?
- É uma vida principalmente de viver.
- Ué?! Toda vida não é de viver?

- Algumas vidas, como as nossas, são mais de sofrer do que de viver.

(BOCHECO, 2011, p. 33).

Lúti não se contenta em escrever o livro da vida que leva, e se propõe a escrever o livro da vida que quer ter. Para isso escreve o seu futuro, no qual se vê professora alfabetizadora, no Morro da Neblina, com voz atuante junto a seus alunos e à comunidade. Lúti também exemplifica o que afirmou Michèle Petit, com um diferencial positivo: a leitura fez de Lúti uma adolescente capaz de projetar, para além do livro da vida, o livro da vida que ela quer ter. Ela se torna autora do livro da vida que gostaria de viver, já não se conforma com a vida que tem, que é mais de sofrer do que de viver.

Percebemos, em *Olha a cocada!*, que Luís e Lúti são aptos também oralmente para enunciar suas próprias palavras e histórias. Lúti demonstra isso no último capítulo, no diálogo que estabelece com o amigo. Luís, em vários momentos da obra, ou melhor, do livro da sua vida, quando transcreve diálogos ou dialoga com o leitor. Os dois personagens expõem seu manejo com a articulação oral, demonstrando também um bom desempenho neste quesito quando se trata de enunciarem ou projetarem suas histórias, suas questões, suas emoções.

Aprendemos desde muito cedo, na área das Ciências Humanas, que a leitura reforça a autonomia, portanto, tal informação não é novidade e não temos dúvida quanto à sua validade. Michèle Petit, afirma que “[...] a leitura pode reforçar a autonomia, mas o fato de alguém se entregar a ela já pressupõe uma certa autonomia. A leitura ajuda a pessoa a se construir, mas pressupõe-se talvez que ela já tenha se construído o suficiente para ficar a sós, confrontada consigo mesma” (PETIT, 2008, p. 134).

O olhar de Michèle Petit para a questão da autonomia encontra correspondência nos dois jovens da obra em questão. Luís e Lúti já demonstram a autonomia a que a pesquisadora se refere. Analisemos o caso de Luís, de quem temos mais informações. Podemos afirmar, sem medo de errar, que

a autonomia que demonstra nos diversos aspectos de sua vida nasceu da relação que estabeleceu, desde cedo, com a leitura literária. Poderíamos pensar que esta autonomia, que este amadurecimento do personagem, seja resultado da vida dura que leva e que, como tantos adolescentes que vivem nas mesmas condições, “amadureceu à força”. Mas não, a autonomia que Luís apresenta é de outra natureza. O jeito com que trata a sua relação com o pai, a questão do pai na cadeia, a forma carinhosa e responsável com que cuida do irmão, o modo com que busca entender a morte do tio, a compreensão que tem da pobreza da família, esses elementos todos mostram que o amadurecimento de Luís está mais ligado às leituras que fez do que às adversidades da vida. E é essa autonomia que Luís, mesmo adolescente, já tem que o faz se entregar à leitura, a outras leituras, que mostram que ele já “se construiu” o suficiente para se confrontar consigo mesmo nas leituras que realiza.

Leitura literária: pertencer e ampliar os círculos

Ao compartilhar a leitura cada pessoa pode experimentar de um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempo passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. (...) Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal (PETIT, 2008, p. 43).

A citação de Michèle Petit, usada como epígrafe para a seção, nos faz pensar que a leitura traz ao leitor a sensação de pertencimento a um universo, a um mundo, e o mais íntimo, o mais particular de um leitor, pode ganhar, assim, aspecto universal. Como Luís, que ao ler *O prato azul-pombinho*, de Cora Coralina, conjuga elementos particulares com os elementos universais que se fazem presentes na obra. E nós, leitores de *Olha a cocada!*, percebemos, dentre outras ocorrências, como isso se processa quando a professora Letícia propõe que os alunos escrevam cartas para os escritores dos livros que a turma leu. Neste exercício, ao escrever à Cora Coralina, Luís apresenta nuances que nos remetem à noção de pertencimento:

Tem uma parte onde você diz que ouvia com os olhos, com a boca a lenda que a tua bisavó contava, e que estava desenhada no fundo do prato azul-pombinho. Acho que eu também ouvia as histórias do meu tio assim e quase viro do avesso para ouvir as histórias que a Letícia conta (BOCHECO, 2011, p. 05-06).

Contudo, Michèle Petit, também destaca outro movimento percebido na leitura no que diz respeito à questão do pertencimento:

Ler é portanto a oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, de forma clandestina ou discreta, tempo de imaginar outras possibilidades e de reforçar o espírito crítico. De obter uma certa distância, um certo “jogo” em relação aos modos de pensar e viver de seus próximos. Poder conjugar suas relações de inclusão quando se encontram entre duas culturas, em vez de travar uma batalha em seu coração. Em termos mais gerais, é um atalho que leva à elaboração de uma identidade singular, aberta, em movimento, evitando que se precipitem nos modelos preestabelecidos de identidade que asseguram seu pertencimento integral a um grupo, uma seita, uma etnia (PETIT, 2008, pp. 56-57).

Destaca a autora que ler é constituir uma identidade singular, incapaz de fechar-se em um único segmento, de pertencer a uma única esfera, a um único espaço. Ao reforçar o espírito crítico, a leitura, segundo a autora, desvia o leitor de modos integrais de pertencimentos, capazes de bitolá-lo ou limitá-lo. É nesse sentido que a pesquisadora também afirma:

Ao longo das páginas, experimentamos em nós, a um só tempo, a verdade mais subjetiva, mas íntima, e a humanidade compartilhada. E esses textos que alguém nos passa, e que também passamos a outros, representam uma abertura para círculos de pertencimento mais amplos, que se estendem para além do parentesco, da localidade, da etnicidade (PETIT, 2008, p. 95).

A leitura como abertura para círculos de pertencimentos mais amplos é uma ocorrência presente na obra em questão. Luís e Lúti vivem essa abertura à medida que adentram o mundo das leituras literárias. Para além da condição social que vivem, nas verdades subjetivas e na humanidade compartilhada no ato da leitura, os personagens passam a pertencer a círculos mais amplos, e se unem às vozes dos jovens entrevistados por Michèle Petit em suas pesquisas: “A leitura, na realidade, é uma promessa de não pertencer somente a um pequeno círculo. É o que experimentou uma grande parte dos jovens que ouvimos: a leitura permite romper o isolamento pois possibilita o acesso a espaços mais amplos” (PETIT, 2008, p. 96).

Os personagens de *Olha a cocada!*, embora adolescentes, já transcendem, intelectual e culturalmente, os espaços de seu mundo, pois são leitores. É a leitura que lhes permitiu, antes de tudo, romper o isolamento, e, depois, ter acesso a espaços mais amplos. “A leitura pode ser uma via privilegiada para inventar um caminho singular, para construir uma identidade aberta, em evolução, não excludente” (PETIT, 2008, 73). Luís e Lúti apresentam o que podemos chamar, usando a expressão de Michèle Petit, uma identidade aberta, em evolução, resultado da relação que estabeleceram desde cedo com a leitura literária.

Ainda sobre leitura e a identidade dos jovens, Michèle Petit afirma:

A leitura contribui assim para criar um pouco desse “jogo” no tabuleiro social, para que os jovens se tornem um pouco mais atores de suas vidas, um pouco mais donos de seus destinos e não somente objetos dos discursos dos outros. Ajuda-os a sair dos lugares prescritos, a se diferenciar dos rótulos estigmatizantes que os excluem, e também das expectativas dos pais ou dos amigos, ou mesmo do que cada um acreditava até então que era o mais adequado para o definir (PETIT, 2008, p. 100).

Bocheco, em *Olha a cocada!*, nos deu exemplos muito pertinentes para a afirmação de Michèle Petit. A personagem Lúti, nos poucos momentos que aparece, mostra-se um exemplo claro de jovem capaz de “criar jogo no ta-

buleiro social”. Em diversos momentos, ao mostrar partes do livro de sua vida a Luís, ela demonstra isso. Notamos esta ocorrência, primeiramente, quando diz que para o livro de sua “outra vida” ela “está fazendo uns desenhos”: “ – Quero a minha outra vida inventada e ilustrada” (BOCHECO, 2011, p. 34). Quando a personagem se refere ao fato de querer uma outra vida, inventada e principalmente ilustrada, ela está se referindo a uma vida melhor do que aquela que leva no Morro da Neblina. Uma vida mais digna, com menos provações, privações, com mais direitos, com mais igualdade. Desejar esta outra vida, no contexto em que Lúti vive, é querer desde cedo fugir da expectativa dos outros, que é a de reproduzir o contexto social vigente.

Outro ponto que podemos assinalar é o fato de Lúti escolher estudar para ser professora e desejar fazer carreira no magistério no Morro da Neblina, cumprindo suas obrigações de modo exemplar. Escreveu ela no livro “inventado” de sua vida:

Meu nome é Luíza Almeida e meu apelido é Lúti. Sou professora diplomada e leciono no Morro da Neblina. Ensino crianças a ler e a escrever, com jeito e muita paciência. Acho que aprender a ler e escrever é uma das coisas mais incríveis que existem. Por isso escolhi a profissão de alfabetizadora. Mas olhem, não foi fácil, não. Vou contar tudo nas próximas páginas (BOCHECO, 2011, p. 34).

Fica-nos claro que Lúti se coloca como dona do seu destino, exemplo de jovem que se torna ator de sua própria vida, capaz de provocar “jogo” no tabuleiro social, à medida que projeta sua profissão e as características da profissional da educação que pretende ser, diferenciando-se da mãe, que sustenta os filhos trabalhando como faxineira. A capacidade de projetar-se para além daquilo que se esperava dela, para além dos “rótulos estigmatizantes” (para usar as palavras de Michèle Petit), que excluem e que maltratam, tem a ver, segundo a pesquisadora francesa, com o envolvimento da menina com a leitura, e nós acrescentamos, em especial com a leitura literária.

Outra situação que salta aos olhos quando pensamos no futuro que Lúti projeta pra si, e no quanto a leitura foi capaz de influenciá-lo está neste fragmento:

- Mas Lúti, você ainda está na terceira série!
- Não importa. Vou ser professora, então já começo sendo. Olha como desenhei a minha classe...
- Lúti, os teus alunos estão estudando em pé!
- É porque as carteiras estavam todas arreventadas e aluno meu não estudará em carteira caindo aos pedaços. Botamos no pátio as carteiras quebradas e ficamos assim, em pé, em estado de greve, até as autoridades tomarem uma providência (BOCHECO, 2011, p. 34).

Lúti, como vimos nos fragmentos anteriores, se coloca valentemente como dona de seu destino e projeta um jeito novo de viver, capaz de romper as amarras que seus pares não conseguem. A força que notamos nela nos faz pensar na propriedade que a leitura tem de nos ajudar a sair dos lugares prescritos, pois a menina, se projetando como professora, está reagindo a um mundo no qual conviveu desde a infância: o da escola e seu espaço físico sucateado. Diferentemente de seus professores, Lúti tem uma atitude de enfrentamento em relação a tal questão. É a leitura trazendo aos seus praticantes outros contornos, outras perspectivas. A menina, certamente, encontrou nos livros esteio para reagir a um mundo que já estava preestabelecido, a lugares que se encontravam delimitados.

Presença e mediação nas práticas de leitura literária

Já mencionamos a professora Letícia em diversas oportunidades no decorrer de nosso texto. Cabe agora uma seção para refletir sobre suas práticas de leitura dentro da obra. Luís nos dá um panorama de como são as suas aulas, mas o que nos interessa, de imediato, são os tópicos relacionados à leitura e aos livros. Dentre as atividades leitoras que Letícia desenvolve está o mutirão poético, assim caracterizado por Luís na abertura no livro:

Todo mês a Letícia faz mutirão poético. É assim: a nossa turma vai nas outras classes ler poesia. Só nas salas onde o professor diz que não é que a gente não entra, e aquela turma fica sem poesia. Quando a gente aparece na porta com os livros de poesia na mão, todo mundo já faz cara de contente e se apronta para ouvir a leitura. No final até aplaudem e, às vezes, pedem para ler de novo (BOCHECO, 2011, p. 3).

Letícia também leva a turma para visitar museus, planetários e feiras de livros. Nas atividades de sala de aula, Luís destacou a leitura em voz alta: “Tem vezes que é para ler em voz alta para aprender a ouvir a própria voz. Sabem que é legal esse negócio de ouvir a própria voz? Eu nunca tinha me ouvido e gostei. Parece que a gente aumenta de tamanho ouvindo a própria voz” (BOCHECO, 2011, p. 3).

A escola onde Letícia leciona não dispõe de biblioteca, e a professora improvisou do seu jeito a organização dos livros na sala de aula:

A Letícia tem um balaio que foi feito pelos índios guaranis do Morro dos Cavalos. É o maior balaio que eu já vi na vida. Esse balaio é cheio de livros e fica num canto da sala. Todos os alunos da Letícia pegam livros para ler nas horas de leitura ou para levar para casa. Quando a biblioteca abrir e tiver uma pessoa para cuidar, vamos pegar livros de lá também (BOCHECO, 2011, p. 5).

Notamos que a leitura na sala de aula e o empréstimo de livros fazem parte das atividades previstas por Letícia junto a seus alunos. A retirada de livros da biblioteca, quando esta ficar pronta, vai se somar a essas atividades. Propor aos alunos que escrevam cartas para os autores das obras que leem, e a tarefa de escrever *O livro da minha vida*, ambas já comentadas, também são propostas da professora que passam pelo viés da leitura.

Ler para a turma também aparece como atividade no conjunto de práticas leitoras desenvolvidas por Letícia. No dia em que essa prática é evidenciada,

a professora lê para os alunos duas histórias da mitologia grega: a de Ícaro e a de Faetonte. Notamos que o repertório de histórias que Letícia procura oferecer aos alunos inclui também textos clássicos. A leitura é seguida de uma longa conversa na qual os alunos expõem curiosidades em relação às histórias lidas, tentativas de soluções dos conflitos dos personagens com ideias atuais, desejos e anseios próprios da idade e do contexto no qual vivem.

Letícia e suas práticas leitoras nos apontam para o professor descrito neste fragmento de Michèle Petit:

Esses jovens [ouvidos em suas pesquisas] tão críticos em relação à escola (...) lembravam às vezes de um professor que soube fazer, inclusive com que gostassem de textos difíceis. Hoje, como em outras épocas, ainda que a “escola” tenha todos os defeitos, sempre existe um professor singular, capaz de iniciar os alunos em uma relação com os livros que não seja a do dever cultural, a da obrigação austera (PETIT, 2008, p.158).

É assim que enxergamos Letícia, capaz de iniciar seus alunos numa relação que não envolva dever e obrigação, mas que envolva o interesse e o entusiasmo em torno do livro, que, depois, vai se transformar, como frisamos na seção 1, na necessidade de se representar a si mesmos através da leitura. As práticas leitoras propostas pela professora, as quais conhecemos a partir da voz do narrador Luís, são simples, possíveis e realizáveis dentro do contexto em que Letícia e sua turma se encontram: uma escola de um morro (favela) que convive diariamente com os desmandos (tiroteios, mortes, extermínios) do tráfico de drogas. E, num lugar tão hostil, há espaço e tempo para a leitura literária. O resultado da metodologia de Letícia verificado na obra é uma turma toda voltada para o livro e para a leitura, mas, no caso dos dois personagens mais focalizados na obra, é a estreita relação de Lúti com a leitura e seus benefícios e a manutenção e progressão do leitor Luís nos caminhos da leitura, haja vista que o menino teve uma boa iniciação em casa.

O professor tem função vital na caminhada do leitor, no seu avanço pelas trilhas da leitura, quando nem todos os alunos avançam por ela num movimento contínuo como os dois personagens da obra:

(...) não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É um professor, (...) que levado por sua paixão, a transmite através de uma relação individual. Sobretudo nos casos dos que não se sentem muito seguros a se aventurar por essa via devido a sua origem social, pois é como se, a cada passo, a cada umbral que atravessam, fosse preciso receber uma autorização para ir mais longe. E se não for assim voltarão para o que já lhes é conhecido (PETIT, 2008, p. 166).

Existem leitores que, diferentemente de Luís e Lúti, precisam de estímulos mais frequentes do professor, e mesmo da sua presença mais constante, a conduzi-los, a guiá-los pelo caminho da leitura, principalmente em espaços menos favorecidos economicamente. A realidade da escola de Letícia, é preciso que digamos, não é a tônica dos morros envolvidos com o tráfico. Mas aí está a importância de Bochecho criar, na ficção infantojuvenil, uma escola que “funciona” em um lugar cujas características são hostis. A autora está nos dizendo que sim! É possível que professores mediadores, como Letícia e suas práticas leitoras, podem existir e funcionar junto a comunidades onde a vida é injusta e “tomba à toa”, como diz Luís. Cabe afirmar, sem dúvidas, que a professora Letícia estaria capacitada para auxiliar nesse caminho tortuoso, enfrentado tantas vezes e por muitos jovens leitores a quem se referia Michèle Petit no fragmento transcrito. E fica a questão para o leitor imaginar: será que na turma de Luís, não há colegas dele com dificuldades e é exatamente desta maneira que a professora os auxilia?

Em escolas como a de Letícia, que nem dispõem de biblioteca, a experiência da leitura, mesmo com os poucos recursos materiais disponíveis (falamos principalmente dos livros), deve ser uma aposta constante dos professores. A turma de Letícia tem um balaio grande de livros, mas, mesmo assim, pensando na imensidão de títulos que um acervo pode comportar hoje em

dia, sabemos, são poucos os livros de que a turma dispõe. Este detalhe da obra de Eloí Bocheco nos remeteu às seguintes palavras de Michèle Petit:

Certamente, a importância da leitura não pode ser avaliada unicamente a partir de cifras, do número de obras lidas ou emprestadas. (...) Há todo um aspecto qualitativo da leitura que é esquecido como hábito de avaliar esta atividade unicamente a partir de indicadores numéricos. É possível ser um leitor “pouco ativo” em termos estatísticos e ter conhecido a experiência da leitura em toda a sua extensão (PETIT, 2008, p. 77).

Acreditamos que essa é uma característica importante da turma de Luís e Lúti. O número de livros disponíveis é reduzido, mas não significa que as atividades em torno dos livros devam ser abandonadas ou desprezadas, e, principalmente, não significa que os alunos da professora Letícia e os personagens principais não tenham conhecido a leitura em toda a sua extensão.

Por fim, é mais uma vez nas palavras de Michèle Petit que podemos perceber a importância da figura do professor no contexto dos livros e da leitura:

Apropriar-se efetivamente de um texto pressupõe que a pessoa tenha tido contato com alguém – uma pessoa próxima para quem os livros são familiares, ou um professor, (...) – que já fez com que contos, ensaios, romances, poemas, palavras agrupadas de maneira estética, inabitual, entrassem na sua própria experiência e que soube apresentar esses objetos sem esquecer isso (PETIT, 2009, p. 48).

Se Luís e Lúti, e provavelmente os demais alunos da classe de Letícia, têm condições de apropriar-se efetivamente dos textos, é por que Letícia soube oferecê-los de maneira especial, e também porque sabe que:

Ao olhar a criança ou o adolescente de uma outra forma, os mediadores culturais criam uma abertura psíquica, ainda

mais porque eles não são os intercessores de qualquer objeto, mas de livros, que antes eram símbolo de tédio ou de exclusão, e que, como esses jovens vão descobrir, também os “ouvem” e lhes dedicam uma atenção singular, enviando-lhes ecos do mais profundo deles mesmos (PETIT, 2009, p. 50).

Leitura literária em espaços e tempos de adversidades

As personagens principais de *Olha a cocada!* vivem em condições de séria privação financeira, num contexto social que os coloca como possíveis vítimas dos tiroteios causados pelo tráfico de drogas, características que já trouxemos à tona durante nossas reflexões. Mas vamos nos aprofundar nas adversidades da curta vida de nossas duas personagens. Afirma Luís: “Ano passado a Lúti faltou um montão de dias na escola, mas conseguiu passar de ano e estamos juntos na terceira série. Ela faltava bastante porque tem que cuidar dos irmãos. Não sei como ela consegue acompanhar o passo da escola. Na primeira série ela faltava, faltava, faltava, mas mesmo assim ela aprendeu a ler direitinho” (BOCHECO, 2009, p. 32).

Deixar de frequentar a escola para cuidar dos irmãos e realizar as tarefas domésticas para a mãe poder trabalhar é uma ocorrência comum nas classes populares:

A Lúti é que cria os irmãos. A mãe dela vai para a faxina o dia inteiro e umas noites também. Até a roupa a Lúti lava. Parece que ela é mais mãe dos irmãos do que irmã. A mãe de Lúti grita bastante. Grito de mãe dói no ouvido. Depois a mãe pede desculpas, mas aí não pode mais apagar o grito (BOCHECO, 2011, p. 32).

A morte também é circunstância que a menina já enfrentou: “Quando o pai de Lúti foi morto pelos bandidos, ela ficou uma porção de dias sem aparecer na escola. Vieram pegar ele em casa e nunca mais voltou. O corpo dele queimaram. (...) Pensei que Lúti nunca mais ia voltar a ser alegre, de tanto que so-

freu. Parecia que ela ia ficar triste para sempre (...)]. (BOCHECO, 2011, p. 32).

Nem o livro da escola Lúti consegue levar para casa, pois os seus irmãos rasgam. Ela guarda o livro na casa de Luís e vem buscar quando os irmãos estão dormindo. Lúti, nota-se, é uma criança que cresceu privada do direito de brincar, logo cedo teve que assumir o papel da mãe dentro de casa, prejudicando inclusive seu tempo para os estudos. O afeto que esperaria da mãe, muitas vezes é substituído pelo descontrole que ela extravasa nos gritos. A morte do pai traz um contorno trágico à existência já tão fragilizada de nossa personagem.

Luís não convive com o pai, pois ele está preso. O protagonista nos conta que o pai brigou com um homem no bar, deu uma facada nele e a polícia o levou e o prendeu. O menino, no seu jeito de elaborar as situações que vive, pensa sobre o pai: “Acho que Ele é dois eles. Um que bebe e vira o que não presta e outro que é maneiro” (BOCHECO, 2011, p. 7). E ainda: “O Ele que bebe manda mais nele do que o Ele maneiro. Se eu pudesse descobrir um jeito de fazer o Ele maneiro mandar mais, ia ser bem diferente. Dois Eles dentro dele é muita coisa para carregar mesmo!” (BOCHECO, 2011, p. 9).

Mas a compreensão que procura ter do problema de alcoolismo do pai não preenche a falta de seu carinho e afeto, nem torna menos constrangedor as situações como esta:

Quase nunca dava para falar com ele direito, que nem amigo. Nem de manhã não dava porque, no começo da manhã, Ele já ia para perto de um copo ali no bar. É triste todo mundo ver que aquele que tá ali bebendo e gritando é o pai da gente. Na volta da escola, saio correndo e venho na frente de todo mundo, que é pra não passar por Ele junto com a turma (BOCHECO, 2011, pp. 7-8).

Assim como Lúti, Luís perdeu um familiar. “Meu tio Pedro morava com a gente. Um dia ele foi dormir e não acordou mais” (BOCHECO, 2011, p. 15). Tio Pedro era motorista de caminhão, tocador de gaita de boca, leitor

e contador de histórias para Luís e Breno. Fã de Renato Teixeira e de suas músicas sobre viagens. Na família de Luís, tio Pedro cumpria o papel que seria do pai dos meninos, pois dava a eles atenção e carinho, iniciou-os nas narrativas, dava conselhos sobre a vida, cozinhava esporadicamente para a irmã e os sobrinhos, enfim, criava um clima aconchegante, tornando-se uma referência muito positiva para Luís e Breno. Além disso, ajudava a mãe de Luís a pagar as despesas da casa. E o menino precisou aprender a lidar com a morte desde cedo:

Meu tio estava se preparando para viajar para o Maranhão. Veio a morte e o levou para o outro mundo. Ficou com a mala no pé da cama. Então a morte não podia ver que ele estava com a mala pronta e viagem marcada, e que não era pro além que ele queria ir, era para o Maranhão? A morte não respeita os planos de ninguém, só os dela mesma (BOCHECO, 2011, p. 19).

Não podendo mais contar com a ajuda do tio nas despesas da casa, Luís vê-se obrigado, no turno inverso ao da escola, a vender cocadas nas ruas do Morro da Neblina, e é assim que apresenta seu trabalho ao leitor:

Sabem aquele poema que vai dizendo emparelhado: ou isto ou aquilo, ou isto ou aquilo? Li este poema em voz alta uma porção de vezes. Aí vi que ele combina comigo e com o Breno. Assim: se a gente brinca, não vende cocada e ajuda a mãe a pagar as contas ou vai brincar e não ajuda. Não pode ficar sem ajudar, mas dá vontade de brincar. Como será que a gente faz? (BOCHECO, 2011, p. 26).

A troca da brincadeira pelo trabalho infantil é uma reclamação de Luís já na abertura do capítulo *Olha a cocada!*, que dá título à obra. Breno também, nos conta Luís, reclama muito em ter que acompanhá-lo pelas ruas oferecendo cocada, mas o pequeno não tem com quem ficar e é necessário que acompanhe o irmão mais velho. No capítulo em questão, Luís nos conta as aventuras de trabalhar na rua e os perigos a que estão sujeitos. Os dois se

cansam muito e em uma das tardes de trabalho, pousam para uma fotógrafa interessada em cenas de trabalho infantil.

Assim como Lúti, que cuida dos irmãos, Luís é encarregado de cuidar de Breno. Na falta do pai e na ausência da mãe que tem que trabalhar, a pessoa a quem Breno obedece é Luís:

- (...) O Breno obedece mais você que a mãe de vocês.

- É porque boto ele pra dormir, leio os livros que ele me pede, faço curativo nos machucados, esquento a comida, pego ele no colo e corro daqui quando meu pai bota a casa abaixo. Ele pensa que eu sou grande, que eu posso ser obedecido. Grande é que devia cuidar de quem é pequeno, mas tem grande que não cuida nem de si, então como é que vai cuidar de quem é pequeno? (BOCHECO, 2011, p. 19).

Esses contextos, que aqui chamaremos de adversos, parecem distantes da leitura literária. Mas não é o que acontece, como já nos referimos tantas vezes no decorrer do trabalho. Luís e Lúti são leitores de literatura, fazem uso da leitura em favor de seu crescimento pessoal e subjetivo. Michèle Petit se dedica a analisar como a leitura literária ajuda os leitores a resistirem em espaços e tempos de adversidades. Afirma a pesquisadora que a contribuição vital da literatura nesses contextos, observada há muito tempo, não é privilégio daqueles que foram introduzidos precocemente no uso da cultura escrita; tampouco é próprio de uma idade ou de certas gerações. Quando as adversidades existem, diz ela, as crianças, os adolescentes, os adultos, fazem uso de fragmentos de obras lidas para fundar um trabalho de construção ou reconstrução de si mesmos (PETIT, 2009, p. 284).

Os personagens principais de *Olha a cocada!* “agarram-se” à literatura, pois é realizando um trabalho de construção e reconstrução de si mesmos que sobrevivem às adversidades que a vida lhes impõe. Longe de ser “uma futilidade ou um momento pomposo, mas algo de que nos apropriamos, que furtamos e que deveria estar à disposição de todos desde a mais jovem

idade” (PETIT, 2009, p. 289), a literatura e as demais artes trazem ao ser humano a possibilidade de “viver tempos que sejam um pouco tranquilos, poéticos, criativos, e não apenas ser um objeto de avaliação em um universo produtivista [como faz a escola, muitas vezes]” (PETIT, 2009, p. 289).

Segundo Michèle Petit, em situações de crise, os atos de resistência de homens e mulheres encontram-se sob várias formas:

Eles não economizam meios, não economizam textos (...) capazes de abrir o horizonte para resistir ao confinamento, aos constrangimentos e às eventuais tentativas dos poderes – políticos, simbólicos ou domésticos – de entrar, estreitar e controlar seus movimentos. Eles se esforçam para salvaguardar um conhecimento próprio e do mundo, para preservar frente e contra tudo um espaço de pensamento, uma dignidade e uma parte de liberdade, de sonho de inesperado (2009, p. 289).

As belíssimas palavras da pesquisadora francesa ecoam na obra de Eloi Bocheco, pois podemos ilustrar o fragmento acima com as atitudes de Luís e Lúti frente aos textos que encontram nas suas trajetórias. Tendo em vista a vida que levam, as crises pessoais e financeiras que enfrentam, também eles não economizam textos capazes de abrir o horizonte para resistirem às agruras da vida e às investidas dos poderes. Através dos textos, nossos personagens se esforçam para preservar uma margem mínima de dignidade, liberdade e sonho. É neste sentido que Michèle Petit afirma:

A literatura (...) fornece um suporte notável para despertar a interioridade, colocar em movimento o pensamento, relançar a atividade de simbolização, de construção de sentido, e inicia trocas inéditas. Tivemos exemplos (...) como no caso dos meninos e meninas desmobilizados do conflito armado colombiano, que, a partir do desvio de um relato, de uma metáfora poética, passam a se tornar narradores de sua própria história. Muito além de uma ferramenta pedagógica, a literatura é aqui uma reserva da qual se lança mão para criar ou preservar intervalos onde respirar, dar sentido à vida, sonhá-la, pensá-la (PETIT, 2009, p.284-285).

Os personagens principais de *Olha a cocada!*, nos conflitos que vivem, são sensibilizados e “salvos” pelos textos literários, tal qual os meninos e meninas do conflito armado colombiano. Luís e Lúti não foram vítimas da utilização pedagógica da literatura, esta surgiu na vida deles do modo que deveria surgir: uma reserva da qual se lança mão para viver e projetar a própria vida. Associando a utilização pedagógica da literatura ao uso que a escola faz muitas vezes desta manifestação artística, cabe dizer que, no caso dos personagens, esta instituição só favoreceu o encontro, o manejo e o envolvimento verdadeiro com os livros. Por meio da leitura literária e de atividades como o livro da vida, proposta na escola onde os personagens estudam, vimos nos relatos de Michèle Petit (2009, p. 239) que os adolescentes adquirem confiança em si mesmos e descobrem-se sujeitos capazes de criar e de sonhar. Ao propor ferramentas que permitem construir, pouco a pouco, um “corpo cultural” como alternativa ao “corpo guerreiro”, a professora Letícia abriu aos personagens uma possibilidade de ter com o mundo uma relação que não seja somente de predação ou de domínio.

Michèle Petit destaca ainda:

(...) pessoas de formações muito diversas (literatos, psiquiatras, antropólogos, bibliotecários etc.) redescobriram, em diferentes pontos do mundo, que a leitura de um conto, de uma lenda, de um poema, de um livro ilustrado podia permitir falar as coisas de outra maneira, a uma certa distância, particularmente no caso daqueles que vivem uma guerra, uma catástrofe, um trauma. Um pouco por toda a parte, diferentes profissionais sublinham a importância da mediação de um texto estético reconhecido, compartilhado de modo a objetivar a história pessoal, a circunscrevê-la no exterior, e destacam a força da metáfora, do desvio, mediante o distanciamento temporal ou geográfico (PETIT, 2009, p. 204-205).

No caso dos leitores que vivem em um contexto adverso ou uma crise, é o texto literário (e não os textos com outras características, como por exem-

plo, textos escritos especialmente para ajudar a superar uma ou outra crise⁴) que tem propriedade para “falar as coisas de outra maneira”, “a uma certa distância”. É necessário, nesses casos, apostar na força da metáfora, do desvio, do deslocamento, enfim, na força da criação e da elaboração artística como possibilidade de dar novamente sentido à vida, de transformar experiências dolorosas e de restabelecer os vínculos sociais.

Palavras finais e o direito à literatura

Olhar para a obra escolhida para este trabalho a partir das reflexões de Michèle Petit nos revela que Eloí Bocheço criou uma obra em sintonia com os estudos da pesquisadora francesa. O que não podemos deixar de perceber, também, é que a escritora catarinense conhece muito bem a realidade a partir da qual escreve.

O conhecimento tão detalhado da realidade dos personagens, é necessário que se diga, é resultado dos cinco anos que a autora trabalhou como professora na comunidade Chico Mendes, bairro Monte Cristo, Florianópolis (Santa Catarina), como ela declarou em jornais na época do lançamento do livro. As relações que estabeleceu, as cenas que presenciou e que viveu, as emoções que compartilhou serviram de ponto de partida para a criação da obra infantojuvenil *Olha a cocada!*.

Michèle Petit conhece realidades como a que inspirou a criação da obra em questão, e realidades como a que se apresentam no resultado desta inspiração, ou seja, na obra criada a partir dos elementos desta realidade, conforme analisamos no trabalho. É isso que importa apontar nesta conclusão: conforme demonstramos nas seções anteriores, no conjunto e na sequência que as desenvolvemos, os estudos de Michèle Petit dão conta de fundamentar uma leitura da obra infantojuvenil de Eloí Bocheço voltada para a formação do leitor em contextos de adversidade.

4 Sobre este tema consultar: PETIT, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 204.

Os estudos da pesquisadora francesa são amplos e dão conta de aclarar muitas obras literárias e muitos contextos também fora das criações artísticas. Servem de pressupostos teóricos para muitos projetos relacionados à leitura e formação do leitor em diversas partes do mundo.

Por fim, abordamos uma questão pertinente para o fechamento do texto, depois do que já abordamos nas páginas anteriores: o direito à literatura. Mesmo em famílias muito pobres como as de Luís e Lúti (e saindo da ficção!) e as de tantas crianças e adolescentes brasileiros, a literatura não pode ser pensada como luxo, e sim como direito. Antonio Candido, em estudo intitulado *Direito à literatura*, trata desta questão:

(...) a literatura aparece como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado (CANDIDO, 1995, p. 174).

Afirma ainda:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (CANDIDO, 1995, p. 175).

Neste conhecido ensaio, Antonio Candido nos esclarece (e nos convence) da importância da literatura e do fato de ela constituir um direito do ser humano. Se ela é tão necessária, então ela tem status de direito, e precisa assim ser pensada, para ser assegurada a todos, homens e mulheres de todas as classes sociais e idades. *Olha a cocada!*, de Eloí Bocheco, é um exemplo, na ficção, de que meninos e meninas em condições precárias tiveram esse

direito assegurado. A Luís e Lúti faltam artefatos de várias naturezas, mas essa necessidade universal chamada literatura (para usar as palavras de Candido) foi satisfeita, pela família, no caso de Luís, e pela escola, pela professora e pela vida, no caso dos dois personagens.

Michèle Petit também tratou da literatura como um direito, e trouxemos suas palavras para encerrar este estudo:

Não é um luxo poder pensar a própria vida com a ajuda de obras de ficção ou com testemunhos que tocam o mais profundo da experiência humana. De obras que nos ensinam muito sobre nós mesmos, e muito sobre outros países, outras vidas, outras épocas. Parece-me inclusive que seja um direito elementar, uma questão de dignidade (2008, p. 78).

Referências

- BOCHECO, E. *Olha a cocada!* Porto Alegre: Movimento, 2011.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- PETIT, M. *Os jovens e a leitura: novas perspectivas*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- PETIT, M. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.